

# a ideia

**Wagner Lacerda\***

03:12

Nossa, já é isso tudo... Acho que vou levantar para fazer um café... Para que fui ter a droga da ideia. Saco.

03:26

Ah não. Outra vez esse filme... **Off** Preciso consertar essa cafeteira. Será que vai dar certo? Tomara que isso dê em alguma coisa. Quem sabe o *Guinness*? Quem é que tinha esse troço mesmo? Acho que era o tio Paulo... Eu me lembro de um cara que comeu sessenta e dois amendoins em um minuto – mais de um por segundo! Ou quase isso... Acho que era isso...

**O dia seguinte**

---

\* Wagner Lacerda é doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora e professor substituto na mesma instituição. Contato: lacerdasl@gmail.com.

A atendente não tinha um ar muito simpático. começava a acontecer algo macabro. Três da manhã era a hora do demônio... Por quê? Sei lá.

- Bom dia!

- Bom dia.

- Como é que eu faço para pegar livro?

- Você tem ficha?

- Não. Precisa de quê para fazer uma?

- RG, CPF e comprovante de residência.

...

(CPF para pegar livro?)

- Aguarde um minuto.

...

(Bem mais de um minuto...)

- Pronto. Qual livro você quer?

- Todos.

- Como assim todos?

- Todos os que você tiver aí, claro!

03:55

Acho que cochilei... Cadê o celular?

...

Eu me lembro de um filme que tinha uma história muito louca. Sempre que o relógio mostrava três da manhã

Ainda o dia seguinte

- Mas, é contra as regras!

- Que regras?

- Você... Aguarde um minuto.

(Muito mais de um minuto...)

- É alguma brincadeira?

- Seria se eu te pedisse um vidro de xarope.

04:34

É. Eu sei. Vai parecer um tanto estranho. Ah! Mas é uma ideia e tanto! Duvido que alguém já tenha pensado nisso. Será que o Jô vai querer me entrevistar?

**On**

...

*Australiana adota uma lhama... Morto consegue uma vaga no parlamento búlgaro...*

**Off**

...

Não adianta. Não consigo mais parar de pensar nisso. Vai amanhecer logo... Como eu vou começar? Tem de ter um critério. Qual? Por ano? Por gênero? Por autor? Por país?

**On.**

*Sua consulta localizou aproximadamente 62.200.00 resultados para livros.*

...

**Off**

Qualquer dia... Antes ou depois...

*Screen Test: Salvador Dali by Andy Warhol (1966)*

05:33

Como demora para amanhecer no inverno.

**On**

Rambo?!?!

...

Cadê o controle?

...

*Aleluia! Aleluia!...*

**Off**

...

Acabou o café... Já sei! Seguindo uma linha cronológica... Mas, será que revistas e jornais contam? Quando editaram a primeira revista? E o primeiro jornal?

...

Deixa disso... Vai complicar demais. Só vai valer livro... Como eu vou descobrir o que publicaram na Polônia? E em Lietchenstein?

**On**

*Sua consulta localizou aproximadamente 48 resultados para livros em Lietchenstein.*

...

Tem um artista chamado Roy Lietchenstein... Parece que é desenhista... Não escreveu nada...

**Off**

...

A padaria abriu. Que neblinão...

Um pouco depois

Já sei! Agora eu tenho certeza! VOU LER TUDO QUE EXISTE! E qual vai ser a regra? NENHUMA! O critério é não ter critério. Entrar em sebo, biblioteca, livraria... e pedir tudo... Compro um caderno e vou anotando. Anoto os nomes da obra e do autor... Anoto onde e quando eu consegui o livro... Assim não vai dar confusão. Começo hoje sem falta.

06:49

Eu tenho de conseguir os endereços de todos os sebos, livrarias e bibliotecas da cidade... Entro lá e peço TUDO! Como eu vou fazer com o que eu não achar por aqui?

07:13

Vou descansar um pouco... Depois do almoço, eu penso melhor em tudo... Acho que vou lá na padaria tomar outro café... Saco... Que frio...

**Off**

O debate que se segue, sobre o conto “A ideia”, de Wagner Lacerda, foi realizado por e-mail no período de 18 a 02 de maio de 2011, pelas alunas de pós-graduação Laura Penna Alves, Carolina Messias e Ana Amélia Coelho\*.

**Laura Penna Alves:** O conto traz de modo interessante marcações de tempo como a sinalização das horas (dispostas quase como um cabeçalho de diário), as reticências e o dispositivo *on/off*. As horas aparecem de modo a respeitar a verossimilhança temporal e estão na ordem cronológica indicando que o que se passa é de madrugada. Na verdade, elas funcionam mais como um recurso gráfico, dado que eles não trazem um sentido, além deste evidente, para a narrativa. As reticências, contudo, são um recurso cujo emprego é mais interessante porque indicam um tempo fora desse tempo cronológico e que marca uma temporalidade a ser criada pelo que seriam intervalos de uma figuração de um processo de escrita e do fluxo de pensamento. Por fim, o recurso *on/off* talvez seja mais propriamente criativo. Ele anuncia a mudança de vozes enunciativas: fluxo de pensamento do narrador e programas de televisão. Até aí isso seria um emprego evidente se não tivéssemos um último *off* que se refere tanto a televisão como ao narrador. Ambos desligam e o conto acaba. Ora, essa junção de vozes que acontece no final do conto não tem força, contudo, para resignificar o conto inteiro. Isso porque, ao longo deste essa divisão é feita de modo previsível e a “grande ideia” não parece ter um sentido enriquecido pelo que poderia ter se transformado num homem-tv ou numa tv-homem... Não sei... acho que esse é um dos problemas do conto, o que vocês acham?

**Carolina Messias:** Realmente são muito raras as oportunidades de realizar exercícios de crítica como este em nossa trajetória universitária, sobretudo, por se tratar da discussão de um conto contemporâneo – o que oferece a este convite ao diálogo um tom de desafio e surpresa.

A marcação do tempo, como foi destacado pela Laura, é um recurso interessante e que poderia ser ainda mais explorado no conto “A ideia”, justamente para deixar de ser um mero recurso gráfico e passar a oferecer uma carga significativa no alinhamento temático-formal do conto. A precisão das horas indicadas por esse relógio digital que fica na cabeceira de cada pensamento do narrador-personagem é rompida em quatro momentos, na estrutura do conto, por expressões indeterminadas: “O dia seguinte”; “Ainda o dia seguinte”; “Qualquer dia... Antes ou depois”; e “Um pouco depois”. Expressões estas que vão de encontro ao tempo cronológico vivido pelo personagem e indicam uma mudança de plano temporal dúbia, pois não sabemos se trata-se de um *flashforward*, isto é, a apresentação de um momento futuro ao que o personagem está vivendo, ou da figuração do fluxo de pensamento ou até de um sonho do personagem. Esse jogo entre tempo vivido e tempo experimentado também é corroborado pelo uso das reticências e do *on/off*, como você apontou, Laura. Este último recurso, que marca a mudança de tempo e de voz do conto, não parece estar ligado apenas a programas de televisão e sim à presença de uma máquina, no sentido mais genérico... A dúvida sobre a que se refere o *on/off* surgiu por conta das seguintes frases: “Sua consulta localizou aproximadamente 62.200.00 resultados para livros” e “Sua consulta localizou aproximadamente 48 resultados para livros em *Lietchenstein* (sic)”, que parecem mais próximas de um site (ou ferramenta) de busca do que de um programa de televisão. A partir dessa dúvida, comecei a pensar quem acionaria esse “botão” na narrativa, pois, muitas vezes, o próprio narrador parece ser “desligado” ou

“ligado” de sua própria voz, tornando-se mais uma voz nesse universo de imprecisão da madrugada. Comecei a estabelecer essa relação entre homem e máquina a partir das referências ao filme de Andy Warhol e ao trabalho de Roy Lichtenstein, artistas do Pop art que pretendiam denunciar em seus trabalhos a massificação da cultura capitalista. Caberia essa aproximação? Nesse sentido, a ideia de junção de vozes que acabariam “desligadas” (*off*) é bastante interessante, mas perde a força, acredito, por não apresentar nenhuma ligação com a “ideia” que pretende sustentar o conto.

Aliás, num primeiro momento, a “ideia” anunciada como centro do conto, acaba ficando à margem, devido à falta de conexão com os demais elementos (tempo, espaço, vozes presentes na narrativa). O que poderia ser uma provocação (a empreitada de ler tudo o que existe sem estabelecer um critério) deixa de surpreender o leitor, vocês não acham?

**LPA:** Puxa Carol, legal você ter falado dessa outra marcação de tempo (“o dia seguinte”, “ainda o dia seguinte” etc.), porque também tinha pensado nela como um elemento desestabilizador de um verossímil evidente no que toca à percepção tanto do tempo como do espaço. Contudo, se nos perdemos no diálogo com a atendente, introduzido após “O dia seguinte”, logo depois voltamos ao verossímil banal, presente num clichê muito querido dos chamados “filmes para a TV”: “Acho que cochilei... Cadê o celular”. Bom, sobre o *on* e o *off* não se referirem ao programa de televisão é verdade. O caso é que eu redigi aquele parágrafo em cima das minhas anotações e acabei usando o termo televisão como um termo genérico. Peço desculpas adiantadas ao autor que me lerá. Realmente, além do *on* temos o recurso ao itálico para marcar sentenças que praticamente reproduzem o ritmo e os conteúdos que circulam não só na televisão, mas na internet, no rádio, nos jornais.

Nesse sentido, quando você diz que esse mecanismo do *on/off* está ligado a uma ideia geral de “máquina”, poderíamos pensar que, ao pé da letra, a internet já não pode ser pensada a partir dessa metáfora da máquina tal como antigamente, pois as pessoas interagem e todos ali são potencialmente criadores de um espaço. Afinal, o que seria essa ideia se não a possibilidade-impossível de realizar-se google? É engraçado né? No poema “Tabacaria” Álvaro de Campos dizia: “Gênio? Neste momento. / Cem mil cérebros se concebem em sonho gênios como eu”. Será que o que temos agora são “sonhos Google”? Não é esse o caso deste conto, que tem o mérito de tentar problematizar a angústia da infinitude de informações e a ausência de critérios.

Contudo, apesar de trazer essa tensão à tona, a linguagem empregada não é eficaz do ponto de vista performativo. Assim, o conto começa: “3:12 Nossa, já isso tudo...”. Essa primeira sentença é emblemática do que poderíamos chamar de uma oralidade, tal como entenderia Meschonnic, que se preocupa em soar o menos distinta possível daquele ritmo já compartilhado por muitos falantes. Assim, nesse caso, temos esse tempo da interjeição “Nossa!”, seguida de uma constatação. Ora, este narrador-personagem segue sucessivamente pensando em lugares comuns e empregando tempos rítmicos já automatizados. Assim, temos a representação de um fluxo de pensamento que segue de modo comportado, sem nada que saia do que seria de “bom tom ser pensado”. A repetição desses tempos e dos assuntos, apesar do surgimento da grande ideia, acaba por não permitir a presença de sentidos mais amplos e propriamente críticos. Nesse sentido, é interessante pensar no que você falou da pop Art porque daria para fazer um paralelo nesse sentido e pensar a eficácia dessa linguagem, na maioria das vezes reprodutiva, para fazer a crítica de uma cultura massificada.

Assim, o conto talvez seja bem representativo de um momento no qual parece que o tempo é escasso (talvez

\* Ana Amélia Coelho é mestranda do Programa de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos do Departamento de Letras Modernas (DLM) da USP. Contato: anameliacoeelho@gmail.com. Carolina Messias é mestranda do Programa de Língua e Literatura Francesa do DLM-USP. Contato: camessias@yahoo.com.br. Laura Penna Alves é editora da revista *Opiniões*.

porque o tempo da solidão o seja) e o espaço, agora também virtual, traz uma infinidade de possibilidades contraditas, de modo radical, por um corpo preso a uma cadeira, um apartamento, um trajeto casa-padaria etc. e um olhar para o mundo totalmente *desistoricizado* e pouco crítico. O interessante da grande ideia do conto é isso. Ela é projetada como impossibilidade que é tornada possível por uma representação pouco crítica dessa outra relação com o conhecimento que a internet parece engendrar. Nesse sentido, o argumento do conto é rico, mas pelas razões levantadas acima ele não se desenvolve de modo mais profícuo. Disse que o último *off* poderia ter se transformado num homem-TV, pensando melhor, ele já está presente no conto e talvez seja justamente esse o problema. Ele tem um corpo e uma solidão que ligamos a uma representação geral de relação com a TV. Contudo, a internet, que faz parte como tema, está no horizonte, mas não tem ainda um corpo e uma perspectiva própria. Esse corpo é passivo e mero expectador diante dos catálogos da livraria ou da internet, como se assistisse a um programa. Na verdade, ler tudo é quase uma não-ideia, nesse sentido, pois não há propriamente a invenção de nada.

**Ana Amélia Coelho:** Entro no debate já vendo questões bem desenvolvidas por vocês duas e, o que é interessante, bem diversas daquelas que eu tenho em mente. O que me pareceu, antes de tudo, fundamental nesse escrito, é seu caráter lacunar. Há uma série de espaços vazios e horas pouco definidas do dia: o espaço em que a pessoa que fala espera amanhecer, espera que algo aconteça. Ao mesmo tempo, logo nas primeiras linhas a "ideia" já aconteceu - e o efeito é decepçante: "a droga da ideia", que vai de qualquer forma impulsionar todo o curto conto.

Como e para quem fala essa voz? A imagem que construí na mente foi a de alguém que tem aqueles pequenos gravadores em mãos, para justamente registrar no calor do momento ideias passageiras, frágeis promessas

para projetos futuros, feitas de pequenos pedaços do cotidiano. Sem preparação, sem rodeios, esse conto traz algo muito próximo da voz de quem fala, essa palavra que se dirige a um eu do futuro não muito distante, numa fita cassete que também pode ser regravada - podemos passar por cima, apagar, regravar; o tempo e o esquecimento também podem destruir esse registro efêmero. É uma palavra sem grandes pretensões, que guarda ideias mirabolantes, capazes de mudar tudo, porque o que se busca, já se sabe desde o princípio, é impossível.

Com base nesse impossível a voz se mistura a outras, traz diálogos do dia-a-dia, em que claramente a voz se diferencia das outras, no tom de desafio (não se pode emprestar todos os livros, a burocracia é grande, um minuto não dura realmente um minuto). Essa voz quer se distanciar de tudo o que a rodeia, quer estar acordado enquanto os outros dormem, prefere fechar-se em si mesma e em sua genialidade. Talvez aí um pequeno problema do conto: ele não se divide com o leitor. Quem nunca desejou ler todos os livros, ou se confrontou com esse grande abismo entre a nossa capacidade de ler e memorizar e o volume de todo o conhecimento humano? Como assistir a todos os canais de televisão ao mesmo tempo? Seria possível registrar cada pequeno instante em nossa memória, como se fossem pequenos tesouros pessoais? E como se faz para conhecer as terras mais longínquas, de nomes estranhos?

E nisso tudo, como pode o Google abarcar tudo o que conhecemos? Será mesmo que ele consegue fazer isso? É frente o poder descomunal dos acervos das bibliotecas, dos resultados dos mecanismos de busca que o texto tenta desafiar, com uma "droga de ideia". Uma pequena ideia, em momentos marcados pelo relógio, frente a números que tendem ao infinito.

Nesse sentido, o conto lembra muito escritos de adolescência; imaginei que eu mesma poderia encontrar

algo assim num caderno perdido dos tempos do colegial, a mente divagando no meio de uma aula chata, ou no tédio de uma tarde em que se tem pouca coisa para fazer.

Sim, como já foi assinalado por vocês duas, o conto todo não trabalha com propriedade essa grande força motriz (e podemos aí pensar em todas as máquinas que evocamos: internet, televisão, gravador) para ir mais longe nessa impossibilidade, nesse desejo inalcançável de ler tudo, conhecer tudo desde o princípio (a primeira revista, o primeiro jornal). Ainda assim, ele continua indo e vindo na leitura e nos coloca o desafio de falar criticamente, trazer discursos, ocupar os espaços vazios que ele deixa.

**CM:** Mais difícil do que preencher solitariamente os vazios que o conto apresenta para mim, leitora, é ocupar os espaços das ideias que vocês estão apontando neste debate. Para retomar os pontos levantados nos comentários de vocês, volto ao conto no momento em que o narrador-personagem julga sua ideia como estranha e original: "É. Eu sei. Vai parecer um tanto estranho. Ah! Mas é uma ideia e tanto! Duvido que alguém já tenha pensado nisso. Será que o Jô vai querer me entrevistar? *On*". O tom apresentado nesse trecho, marcado pela oralidade das expressões e pelas frases curtas com lugares-comuns, parece mesmo indicar que a ideia não sairá da promessa e será apenas um registro efêmero, como a Ana disse, de um desejo de sair desse cotidiano comum. Apesar disso, não sei se essa voz quer se distanciar do mundo em que vive, já que o primeiro registro do narrador após notar a possibilidade de ter tido uma ideia original, é a pergunta se ela despertará o interesse na mídia: "Será que o Jô vai querer me entrevistar?". Não adianta. Ele não consegue sair do lugar-comum. Sua empreitada causaria o mesmo interesse no público que a notícia da australiana que adotou uma lhama e do morto que se tornou político? Além disso, acredito que o narrador estaria tentando se distanciar

de tudo que o rodeia se justificasse sua ideia, isto é, se indicasse um motivo legítimo para ler tudo o que existe, porém, ele se pergunta: "Será que vai dar certo? Tomara que isso dê em alguma coisa. Quem sabe o *Guinness*?". A razão dessa empreitada seria ocupar um espaço na página dessa enciclopédia de recordes ao lado do "cara que comeu sessenta e dois amendoins em um minuto"? Parece que o narrador-personagem não quer se distanciar, mas se integrar nesse conjunto de vozes que surgem no conto.

Neste ponto, não há como não estabelecer uma breve relação entre a ideia do narrador-personagem e a empreitada de Flaubert e de seus personagens Bouvard e Pécuchet (1881). Tanto o criador quanto as criaturas sentiram essa angústia da infinidade de informações, saberes e discursos que circulavam na época. O projeto flaubertiano era escrever a "história de dois homenzinhos que copiam uma espécie de enciclopédia crítica em farsa"<sup>2</sup>, como escreve em carta à Madame Roger de Genettes em 1872. Para isso, teve que ler muitos livros sobre assuntos que desconhecia: química, agricultura, história, etc. Por sua vez, os personagens não só copiam os livros, como procuram colocar suas teorias em prática, seguindo o mesmo critério do narrador-personagem de "A ideia": "O critério é não ter critério." Resultado? Flaubert morreu antes de terminar a história dos copistas. Maupassant, inclusive, escreveu após a morte de Flaubert: "Um livro como este devora um homem, pois nossas forças são limitadas e nosso esforço não pode ser infinito"<sup>3</sup>.

Trago essa referência do século XIX para mostrar o quanto essa questão é, ao mesmo tempo, antiga e atual. Se o tempo já era escasso, naquela época, para o sucesso dessa ideia de ler tudo que existe, imagine hoje, com a velocidade de transmissão das informações e a forma como experimentamos o tempo. Até por isso, um dos critérios escolhidos pelo narrador-personagem é a pesquisa somente de livros, cujo

texto aparentemente é menos fugaz que o de uma notícia de jornal ou revista. Hoje a Internet, sobretudo o Google, como vocês lembraram, oferece essa ilusão de um infinito apreensível, da possibilidade de decifrar o enigma da totalidade do conhecimento. Tanto que o narrador parece consultar esse site de busca para responder às questões que são impostas por sua grande ideia: "(...) Como eu vou começar? Tem de ter um critério. Qual? Por ano? Por gênero? Por autor? Por país? / on. / Sua consulta localizou aproximadamente 62.200.00 resultados para livros." e "(...) Como eu vou descobrir o que publicaram na Polônia? E em Lietchenstein? / On / Sua consulta localizou aproximadamente 48 resultados para livros em Lietchenstein." O número de resultados diminui, mas não o problema do narrador-personagem, que descobre um novo dado de sua busca a partir da palavra Lichtenstein: "Tem um artista chamado Roy Lietchenstein (sic)... Parece que é desenhista... Não escreveu nada..."

Esse novo elemento parece apontar para a angústia da relação que passamos a estabelecer com um conhecimento em rede, presente num espaço virtual em que os discursos interagem livremente. É interessante pensar na proposta de ler tudo que existe como uma não-ideia, como a Laura levantou, tanto por não haver solução possível ou invenção no que o narrador se propõe, como no adiamento da reflexão da ideia que o narrador deixa para depois do almoço.

Acho que deixei várias pontas soltas neste comentário, mas não quero estendê-lo demais. Preciso de um pouco mais de tempo para processar tudo o que vocês discutiram.

**LPA:** Ana, essa ideia de vazios a serem preenchidos do Iser não seria algo mais relativo a fenomenologia da leitura? Digo isso porque, nesse sentido, toda escrita é lacunar e o preenchimento desses vazios é limitado pelo que, se não me engano, o Iser chamou de esquema. Na

verdade é difícil pra mim pensar o texto a partir disso... De qualquer forma, concordo que ele tem o mérito de mobilizar um imaginário coletivo que ele tenta desafiar. Contudo, quando o li o conto, essa imagem do gravador não me veio à cabeça. Na verdade a primeira coisa que pensei foi: "Nossa, até o que chamamos de fluxo de consciência virou um gênero padronizado!" Esses procedimentos que trazem o ambiente doméstico e a intercalação de pensamentos banais com uma ou outra "sacada" é realmente muito comum. No caso do conto isso não seria um problema porque o narrador, teoricamente poderia garantir um ponto de vista crítico nos termos em que o Schwarz ou Pasta falam de Brás Cubas. Inclusive, a grande ideia me lembrou o emplasto Brás Cubas. Contudo, o efeito da ironia ficou pouco eficaz. Então somos avisado de que essa droga de ideia é anunciada em uma linguagem que realmente soa adolescente: "Pra que fui ter a droga de ideia. Saco.". Narrar o conto disso que poderia ser um ponto de vista seria interessante se tivessem mais elementos auto-críticos não acha?

Sobre o que a Carol falou do adiamento da ideia para depois do almoço, realmente, a sensação que temos é de "eterno retorno", de que aquilo é um eterno presente. Nesse sentido, essa talvez fosse uma diferença importante de nosso tempo em relação ao século XIX. Lá vimos o surgimento de uma cultura enciclopédica que alimentava o sonho fáustico de conhecimento total do mundo. Hoje, parece não haver mais interesse pela "máquina do mundo" e o importante não é a produção ou o conhecimento de algo, mas o que poderíamos chamar de "experiência espetacular". Qual a diferença entre comer muitos amendoins e ler muitos livros? Nenhuma porque a finalidade é a mesma, ser espetáculo. É legal o conto nos permitir pensar isso.

**AAC:** Quando falei em escrita lacunar, não pensei na teoria de Iser, mas quis trazer mesmo a imagem de lacuna que o texto constrói. Temos horários definidos em que

a voz aparece - e o que acontece entre um intervalo e outro?

A primeira frase é a constatação da passagem rápida do tempo, sobre a qual não se tem controle: "já é tudo isso..." - o que o fez perder a noção das horas, justamente se o que temos em seguida são momentos pontuados pelo relógio? Terá sido justamente "a ideia"? No meio do texto, um corte no tempo para qualquer outra direção, "qualquer dia", "antes ou depois". O texto termina também sem muitas grandes perspectivas, com mais pequenas reclamações: de novo "saco", "que frio".

No que diz respeito à marcação do tempo, que figura esse recurso teria no andamento da leitura? Por isso a mim me pareceu mais que essa marcação seria da ordem de uma máquina, daí a imagem que me fiz de um gravador, que, admito, não encontra mais elementos onde se apoiar no texto.

Assim, é possível assinalar, como a Laura já comentou, o uso pouco crítico de recursos narrativos, sem que se aproveite a sua potencialidade. A ideia é frustrada logo de início, ou melhor, é sempre frustrada, nesse eterno presente.

Essa voz, reclamona em tom adolescente, busca distanciar-se ou integrar-se a outras? Tanto uma coisa como outra, sob pontos de vista distintos. Concordo com você, Carol, quando ele quer integrar-se à lista de outros feitos extraordinários ou insólitos, como os elencados no *Guinness*. Ao mesmo em todo feito desse tipo deve funcionar uma vontade de diferenciar-se de uma grande massa de acontecimentos que não rendem nota nos jornais, de pessoas que não seriam convidadas para um programa de entrevistas.

**CM:** Estava bolando ideias para o meu próximo comentário (não para ler todos os livros que existem, rs), mas realmente é difícil escrever algo consistente num curto

espaço de tempo. A gente vai levantando questões que são difíceis e merecem uma análise mais cuidadosa. O último comentário da Laura, inclusive, me fez retomar o texto "Algumas questões sobre o conto", do Cortázar... gostaria de ler com mais calma esse texto para depois retomar nossa discussão sobre o conto. Já que vamos fazer um intervalo, me senti à vontade para sugerir alguns pontos que podem ser interessantes para nossa discussão:

- Por que a escolha do gênero conto para tratar dessa temática?

- Por que a brevidade do conto (me) incomoda?

- Que detalhes o autor poderia trabalhar mais a fim de que os elementos tenham maior carga significativa e ofereçam maior carga significativa ao conto.

- Este é um conto significativo? Refletir sobre esta afirmação de Júlio Cortázar retirada do texto "Alguns aspectos do conto" (1974):

*Um conto é significativo quando quebra seus próprios limites com essa explosão de energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta (...) o tempo e o espaço do conto têm de estar como que condensados, submetidos a uma alta pressão espiritual e formal para provocar essa "abertura".*

**CM:** Ana, concordo com seu comentário sobre a imagem da lacuna no texto. Na verdade, lendo seu comentário de ontem, entendi que o que você apontava como "caráter lacunar" estaria ligado não apenas aos vazios do texto, mas à estrutura fragmentária, que subverte o esquema do conto tradicional (no qual a ação se desenrola até o desfecho para dar lugar à resolução ou à crise). Dialogando com as formas modernas

do conto, o narrador-personagem de “A ideia” procura construir no leitor a sensação de impossibilidade e de banalidade de sua tentativa de “inovar”: tanto pela questão do tempo, que já discutimos, como pelas referências a discursos de outras mídias, pelo uso dos botões *on/off* e pela repetição. Nesse sentido, li esse “fluxo de pensamento padronizado”, destacado no último comentário da Laura, como mais um recurso que pretende dialogar com essas formas modernas: a repetição de lugares-comuns, frases e lembranças que poderiam ser de qualquer insone na madrugada. Assim, não consegui ouvir “essa voz adolescente”, que vocês comentaram, no conto, pois não identifiquei nenhuma expressão característica da linguagem adolescente. Ao meu ver, “droga” e “que saco” são expressões bastante neutras em relação à faixa etária e poderiam ser exclamadas por qualquer “reclamão”.

Achei interessante a relação entre a ideia de ler todos os livros e a do emplastro de Brás Cubas, pois ambas não podem se concretizar. Talvez a primeira não tenha a força e a ironia da segunda por não apresentar uma função, mesmo que absurda, como a de criar algo que cure a melancolia humana. Por esse motivo, a ideia do conto se torna vazia, sem intensidade.

Laura, como seriam esses “elementos autocríticos” que você citou? Os recursos formais utilizados no conto, mesmo que incipientes, não podem ser considerados críticos em relação ao gênero conto?

**LPA:** É interessante como cada uma, no final das contas, entendeu o termo “adolescente” de um jeito diferente. Ao fim e ao cabo realmente a Carol está certa em sua desconfiança. Se pensarmos bem, alguém poderia ter dito, por exemplo, coloquial. Talvez a palavra tenha surgido por conta de personagens como Frédéric Moreau ou Emma Bovary... De qualquer modo, mais interessante do que associações que podem ser injustas com o conto, o seria pensar procedimentos concretos (como

a extensão do conto e as cargas significativas que fala Carol) que poderiam intervir mais pontualmente no que seria um processo de escrita futuro deste conto, como se fosse um “impensado”, algo que criamos a partir dele e em nome do que nele vemos como potencialidade. Nesse sentido, quando falei em elementos auto-críticos não falei em relação ao gênero, mas ao próprio ponto de vista narrativo. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* temos certa distância entre o nome Brás Cubas que narra e o nome Brás Cubas que é narrado. A ironia também é auto-irônica. No caso do conto parece que há uma junção dos nomes de modo que o “nome narrado” (aqui ausente no sentido literal) se leva a sério, pois séria seria a “suposta fidelidade” na figuração de um fluxo de pensamento “comum”, “mediano”, “padrão”. Isso seria outro elemento que sufocaria os elementos críticos que vimos no conto. Nesse sentido, não teria nada a propor de concreto para definir esses elementos autocríticos, até mesmo porque eles só existem a partir de um contexto textual constituído; o máximo que poderia fazer, e aqui me esforcei para tal, é sugerir reflexões e experimentos.

Nesse sentido, achei muito legal as sugestões de reflexão da Carol. Isso porque a discussão estava indo pra um lado que era interessante, mas talvez não fosse muito útil para o autor. Aliás, estou meio arrependida de ter falado que o fluxo de consciência era padronizado. Na verdade, não poderia falar em padrão levemente, sem de fato investigá-lo... De qualquer forma, quis dizer que o fluxo de consciência, tal como está neste conto, era um contraponto dessas formas modernas de narrar. Na verdade, elas justamente não emplacam porque ele tem o mesmo tempo rítmico do diálogo com a vendedora, que teoricamente introduziria a indeterminação no tempo e no espaço com “O dia seguinte”. Esse ritmo só se altera um pouco com a descoberta da ideia, talvez os exercício de outras temporalidades fráscas e textuais permitisse construir imagens não necessariamente dentro dos limites

de um verossímil que respeita o decoro no que toca o ritmo e o modo como ele mobiliza o nosso imaginário independente do qual simpático somos ao tema.

É desta forma que, por exemplo, pensar a extensão do conto é realmente interessante. Compartilho, aliás, um pensamento absurdo. Pensei que o escritor poderia ter determinado antes o tamanho do conto e só depois disso o teria escrito tendo em mente esse limite. Este completo absurdo me fez lembrar que os contos curtos estão em voga e, há algum tempo atrás, lançaram até o mini-conto por mensagem de celular. Ora, e se estivéssemos todos, não só os especialistas da universidade, sob uma espécie de “tabu da extensão do objeto”? Então, mesmo quando pegamos um conto como esse, que claramente ambiciona mobilizar âmbitos complexos do imaginário comum, vemos que, tirando uma tímida tentativa, está bem amarrado numa narrativa breve que teria de ser muito mais densa, com “maior carga significativa” como disse a Carol, para ter o efeito pretendido. Vamos a um exemplo concreto de algo que poderia aumentar essa carga e que toca à verossimilhança pretendida. Na passagem “Será que o Jô vai querer me entrevistar?” temos o que apontaria como um “verossímil evidente”. Com “evidente” queremos dizer que o problema não é o narrador pensar que quer ir no Jô, mas que o *modo* como faz isso é problemático. Vejamos que com isso a preocupação era criar um efeito de mediania quase estatístico, ainda que revele, agora no detalhe, mais um momento de sua “constrangedora fausticidade”, se poderíamos dizer assim.. Contudo, querer ir no Jô não é só uma ocorrência, mas uma meta, faz parte do objetivo e do sentido dessa “cultura-guinness”, no qual a existência depende de todo tipo de visibilidade pública. Aqui, no entanto, isso aparece como um pensamento cuja linguagem não nos remete a sentidos além daquele já compartilhados. Querer ir no Jô é um elemento entre outros e não vemos, nesse pensamento banal, nada que traga a angústia do

anonimato ou ironize banalidade do pensamento (o que seria um elemento auto-crítico). Enfim, poderia haver aqui recursos de todo tipo que enriquecessem e complexificassem o sentido desse desejo.

**CM:** Tenho pensado muito em alguns elementos que tornam um conto significativo, os quais estamos tocando aqui e ali em nossa discussão: significação, intensidade (tensão) e brevidade. Nos últimos dias, retomei o texto “Alguns aspectos do conto”, de Júlio Cortázar (1974), para pensar nessas questões, pois ele apresenta uma situação muito semelhante à nossa: alguém que se propõe a trocar ideias a respeito do conto (mesmo que nós estejamos tratando de um conto específico, do ponto de vista crítico e acadêmico, e Cortázar do gênero conto e da forma como escreve, sob o olhar do crítico e do escritor). Uma das afirmações presentes nesse texto insiste em instigar minhas ideias quando releio o conto “A ideia” e, agora, quando leio o último comentário da Laura. Nesse sentido, entendi o que você apontou como elementos autocríticos e concordo com os experimentos sugeridos por você ao autor: de fato, seria interessante exercitar outras temporalidades fráscas e textuais que “explodissem” os limites do argumento do conto. Paralelamente a isso, penso que alguns elementos que se apresentam quase como acessórios, os detalhes, deveriam ser “costurados” no conto de forma a produzir uma rede tensional, por exemplo, o que a Laura falou sobre o pensamento banal de ser entrevistado pelo Jô, ou a indicação das horas que aparecem nos relógios que marcam o tempo da narrativa, dos pensamentos. Esse horário não poderia estar ligado à “hora do demônio” do filme que o narrador-personagem lembrou? Como o autor poderia trabalhar esse demônio como imagem e forma dos próprios pensamentos dele, sobretudo, como imagem da ideia angustiante de ler todos os livros que existem? Talvez a relação com o Pop Art (referência a Andy Warhol e Lietchtenstein, comentada anteriormente) e o Surrealismo (referência a Salvador Dali, além do ambiente

soturno, na madrugada, frio e neblina) pudessem ser mais intensificadas nesse sentido, mas isso é apenas uma sugestão. Como a Laura também sugeriu, o importante é refletir sobre os detalhes que podem ser ainda mais enriquecidos e complexificados – eu diria sobretudo na primeira frase às 03:12.

A isso está ligada a questão da brevidade do conto que, inicialmente, me incomodou bastante. Não estou falando do número de páginas ou de caracteres, pois isso não torna o conto melhor ou pior, mas justamente dessa sensação de falta de densidade de alguns recursos formais e visuais. Nesse sentido, acho interessante a Laura ter pensado no autor estabelecendo uma restrição espacial para seu conto, afinal, a ideia é um lampejo, um “rasgo de sentimento que pode ser intenso mas é de curta duração”<sup>5</sup> (definição do Houaiss, achei tão bonita que não consegui definir com outras palavras).

Gosto de pensar no conto como um “sequestro momentâneo do leitor”, como define Cortázar, pois essa imagem aponta para a importância dos elementos aqui discutidos: o conto deve fixar a atenção do leitor por meio da tensão entre os elementos formais e expressivos.

**AAC:** Concordo com a coloquialidade da linguagem, com a falta de apuro e trabalho formal que desse mais força expressiva e autocrítica ao texto. No meu caso, a “adolescência” a que me referi logo de início não faria parte necessariamente na narração (mesmo que eu mesma depois, junto com a Laura, tenha feito a associação à adolescência e às reclamações recorrentes). Pensei antes em quem poderia ter escrito o texto, e essa pessoa teria um espírito adolescente: um tanto ousado - ao mesmo tempo experimentando recursos formais (a curta extensão do escrito, a marcação de horas, as referências à internet, artes plásticas, diálogos do cotidiano, televisão) e lançando a ideia de ler

todos os livros existentes - mas ainda sem força e maturidade para levar a distâncias maiores o ímpeto de ler e escrever. O leitor se perde entre banalidades e pequenos lampejos (aproveitando o termo que vocês já trouxeram), pequenos eureka que não trazem nada - e tampouco problematizam esse vazio. Essa falta de densidade de certa maneira também frustra uma boa ideia de conto.

Justamente por ser tão breve, indo na mesma direção das ideias que vocês duas trouxeram, o conto deveria ter uma alta carga de trabalho de escrita. Nesse sentido, podemos pensar que o texto poderia ainda ser reescrito, conhecer outras versões ou continuações - algo que o salvasse da brevidade da nossa memória. Talvez seja isso o que tentamos fazer: imaginando uma cena de escrita, buscando os espaços em branco que ele abre como eu, a Carol recorrendo a Cortázar e a Flaubert, a Laura imaginando outras possibilidades de escrita.

### Referências bibliográficas

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: Valise de cronópio. Tradução de Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FLAUBERT, Gustave. Cartas exemplares (Organização, prefácio e notas de Duda Machado). Rio de Janeiro: Imago, 1993.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MAUPASSANT, Guy. “Bouvard et Pécuchet”, In : FLAUBERT, G. *Bouvard et Pécuchet*. Éd. Pierre Marc de Biasi. Paris : Librairie Générale de la France/Le Livre de Poche, 1999.

PESSOA, Fernando. *Fernando Pessoa: poesia*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1970.

### Notas

1 Fernando Pessoa, *Fernando Pessoa: poesia*, p.88.

2 Gustave Flaubert, *Cartas exemplares*.

3 No *Le Gaulois*, de 6 de abril de 1881, Maupassant declara que Flaubert tinha receio de não terminar o livro: “*Un livre pareil mange un homme, car nos forces sont limitées et notre effort ne peut être infini. Flaubert écrivit deux ou trois fois à ses amis: 'J'ai peur que la teminaison de l'homme n'arrive avant celle du livre – ce serait une belle fin de chapitre'.*” (p.473).

4 Julio Cortázar, “Alguns aspectos do conto”, *Valise de cronópio*, p.153.

5 Antonio Houaiss; Mauro de Salles Villar, *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 1554-5.